

Práticas políticas e pertencimento: a (re)construção identitária de mulheres a partir do enfrentamento à violência

MORGANI GUZZO¹

Neste artigo², buscamos analisar de que maneira o envolvimento de mulheres de um bairro periférico da cidade de Guarapuava/PR no combate à violência contra as mulheres tem despertado questionamentos quanto às suas identidades e papéis e estimulado a construção de novas formas de identificação e atuação, tanto no âmbito privado como no público.

A partir da organização de um grupo de mulheres em torno da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Primavera, em Guarapuava/PR, questões até então silenciadas sobre as mulheres na comunidade passaram a ganhar visibilidade. A realização da 1ª Romaria da Mulher, em 2004, em que foram questionados os significados sobre o Dia 8 de março (reconhecido pela ONU em 1975 como o Dia Internacional da Mulher) retirou do esquecimento relatos históricos de luta de mulheres por melhores condições de vida e de trabalho. O envolvimento das mulheres em torno da organização das Romarias (que passaram a ser anuais) e os diálogos realizados nos encontros anteriores e posteriores à passeata religiosa despertaram no grupo de mulheres a necessidade de lutar por melhores condições para o bairro e para suas famílias. Surge, nesse contexto, o *Movimento de Mulheres da Primavera*.

Por meio da observação participante nas reuniões do movimento de mulheres e da coleta de entrevistas a partir da metodologia da história oral, é possível reconhecer o impacto que a atuação no movimento provocou nos processos de identificação, reconhecimento e no empoderamento das mulheres como indivíduos políticos. O enfrentamento à violência contra as mulheres, situação grave denunciada pelo índice de feminicídios na cidade³, foi o principal mote do Movimento para alcançar mais visibilidade e sensibilizar os moradores do bairro e do município de Guarapuava. As transformações da ação política das mulheres aparecem não só

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH-UFSC). Possui graduação em Jornalismo e mestrado em Letras, ambas pela Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro/PR). Bolsista Capes.

² Este artigo é o recorte de uma análise realizada na dissertação de mestrado defendida em março de 2015, intitulada: *De lagarta a borboleta: construção e (re) construção das identidades femininas a partir do Movimento de Mulheres da Primavera, de Guarapuava/PR*. (GUZZO, 2015).

³ De acordo com o Mapa da Violência de 2012, Guarapuava é a 96ª cidade com mais número de mortes de mulheres. (WAISELFISZ, 2012)

no aspecto pessoal, apresentado nos relatos das entrevistadas, mas na estrutura e nas políticas públicas de enfrentamento à violência em Guarapuava/PR, a partir da inserção do *Movimento de Mulheres da Primavera* em espaços públicos, tanto nas manifestações coletivas, quanto na política partidária⁴.

Memória e identificação das mulheres a partir do *Movimento de Mulheres da Primavera*

A análise dos processos de identificação das mulheres do *Movimento de Mulheres da Primavera*, após a sua inserção no movimento, é feita a partir das entrevistas realizadas depois das reuniões periódicas das mulheres durante o ano de 2014. O grupo é composto por cerca de vinte mulheres muito diferentes entre si, com idades de 19 a 65 anos, profissões diversas (cabelereiras, costureiras, estudantes, contadoras, advogadas, donas de casa, empregadas domésticas, entre outras), viúvas, divorciadas, solteiras e casadas, em sua maioria, algumas mães e todas católicas – praticantes ou não.

O Movimento, criado em torno da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, apesar de sua relação com a religião, tem buscado realizar discussões sobre empoderamento feminino que ultrapasse algumas percepções restritas da Igreja. Uma das razões de criar a *Romaria da Mulher*, por exemplo, foi o questionamento sobre os papéis que as mulheres desempenhavam dentro da paróquia. Apesar de serem a maioria e as que mais trabalhavam, ficavam restritas aos bastidores, à cozinha, à organização, dificilmente ocupando cargos de liderança ou tendo o poder de fala diante da comunidade.

A *Romaria da Mulher* constitui-se como um momento de envolvimento da comunidade do Bairro Primavera e da Paróquia Nossa Senhora de Fátima com as demandas defendidas pelas mulheres do movimento. O uso da encenação como ferramenta para explorar os temas é constante. A dramatização de situações historicamente vividas por mulheres das mais diversas camadas sociais, nas mais diferentes situações, choca a comunidade e provoca a reflexão. É nesse momento da Romaria que algumas mulheres conseguem reconhecerem-se nas situações encenadas; é durante as dramatizações que, geralmente, ocorre o despertar de

⁴ Apesar de o envolvimento das mulheres na política partidária ter influenciado sobremaneira a mudança nas políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres na cidade de Guarapuava/PR, nosso enfoque para este artigo não dará conta de abordar esse aspecto da atuação do Movimento de Mulheres da Primavera. Ver GUZZO (2015)



sua condição, conforme nos contou uma das militantes do Movimento, Edileuza Lemos⁵, 44 anos, secretária, viúva e mãe de três filhos.

Nas duas primeiras eu não participei muito ativamente, que na época eu tinha os meus filhos pequenos, não participei diretamente da organização, por que eu não podia na época. Mas eu lembro bem forte a primeira que eu participei bem, foi assim que a gente fez, de organizar, foi na terceira romaria, se eu não me engano, que a gente fez um teatro. Foi um teatro assim, bem de improviso, que eles vieram tipo assim, dois dias antes, para eu ajudar a elaborar e a gente fez o teatro e foi um teatro bem impactante. E eu me identifiquei muito com aquele teatro, que aquele teatro fazia parte da minha história, que era sobre o alcoolismo. Sabe? Então, por que eu venho de uma situação do meu pai alcoólatra, né? E meu marido, quando eu casei, também bebia. Não chegava a ser alcoólatra, assim, compulsivo, mas ele sempre teve problema com a bebida e a gente brigava muito com isso. Então, desse dia em diante eu nunca mais me desliguei do movimento, por que eu me identifiquei com aquela cena, e eu sei que a gente emocionou muito as pessoas que tavam (sic) ali, por que quando terminou o teatro, que eu saí ali no meio de novo do povo pra continuar a caminhada, tava (sic) todo mundo, as mulheres, chorando e eu sabia que aquela era a história delas, mas elas não contam, elas não falam. Então, eu me identifiquei muito com aquilo, com esse teatro que a gente fez, por que fazia parte da minha história, era uma realidade. (LE MOS, Edileuza. Entrevista 5. [jul. 2014] Entrevistadora: Morgani Guzzo. Guarapuava, 2014).

Embora as romarias restrinjam o público para aquele ligado à religião católica, a importância dessa ação do *Movimento de Mulheres da Primavera* está, justamente, na possibilidade de provocar a reflexão da comunidade religiosa para a desigualdade de gênero e, principalmente, para a violência contra a mulher. A encenação de situações cotidianas pelas quais passam diversas mulheres no contexto do Bairro Primavera constitui-se como uma possibilidade de identificação e confronto das mulheres com a sua própria realidade, enxergando as situações em que vivem como problemáticas e violentas, como foi o caso de Edileuza Lemos (2014). As romarias são os únicos momentos em que a comunidade religiosa do bairro se envolve diretamente nas discussões do movimento; constituem-se, para algumas mulheres, como as únicas possibilidades de “despertar” de suas condições.

Da primeira romaria em diante, o grupo de mulheres ganhou força e ampliou seu espaço de atuação e visibilidade, agregando mais mulheres interessadas em participar do movimento. Realizando a romaria anualmente, o *Movimento de Mulheres da Primavera* alcançou membros da igreja e de seu bairro e ganhou confiança da paróquia para continuar

⁵Todas as mulheres entrevistadas tiveram seus nomes substituídos por nomes fictícios para preservar sua privacidade.

com a ação na qual a fé católica é aliada à problematização dos estereótipos e dos preconceitos sobre as mulheres. Concomitantemente com a organização das Romarias do Dia Internacional da Mulher, as mulheres discutem a participação das mulheres na política, o enfrentamento à violência e a emancipação financeira das mulheres. O apoio do movimento às vítimas de violência ou em situação de dificuldade, assim como a possibilidade de empoderamento das mulheres durante as reuniões e formações do movimento fazem com que muitas mulheres busquem novas formas de identificação e pertencimento. É a partir das discussões sobre mobilização feminina e feminismo, entre outros temas, que muitas delas passam a questionar os papéis até então desempenhados e reivindicar, dentro de suas relações conjugais e profissionais, novos espaços e identidades.

De acordo com Stuart Hall (2009), a formação de novas identidades está ligada ao recontar o passado através da memória e da afirmação da diferença. Por ser uma busca permanente, que trava relações com o presente e com o passado, a identidade não é fixa: implica movimento e tem, evidentemente, história. A (re) construção das identidades das mulheres do *Movimento de Mulheres da Primavera*, portanto, leva em conta um momento de profundas mudanças na forma como elas se relacionam com seu presente e retomam seu passado.

Processos de identificação e de rememoração são influenciados pelo envolvimento dos indivíduos com os grupos aos quais pertencem. De acordo com o sociólogo Maurice Halbwachs (2004), as relações sociais não são limitadas ao mundo da pessoa, mas perseguem a realidade interpessoal das instituições sociais, nas quais a memória do indivíduo depende de suas relações com a família, classe social, escola, igreja, profissão, enfim, com os grupos de convívio e grupos de referência peculiares a ela ou a ele. O enfoque do sociólogo amplia a compreensão da memória enquanto construção do sujeito apoiada nas referências fundadas nas interações sociais. Essas referências fincam os sujeitos aos diversos grupos de sua convivência social, remetendo-os a sensações de identificação e pertencimento. A memória é, para Halbwachs (2004), coletiva, trabalho de construção e reconstrução permanente dos sujeitos; sua narrativa dá conta dos eventos, dos acontecimentos, porém, com vazios que são preenchidos por aqueles que os realizam e com os significados que estes lhe atribuem.

Assim, os relatos das mulheres levam em conta uma análise de seu passado com base no seu presente alterado. Suas identidades, da mesma forma, sofrem mudanças a partir do seu reconhecimento com novas formas de ver e de viver o mundo. Maria de Souza, 31 anos,

secretária, casada e mãe de um menino de sete anos, demonstra como o apoio recebido no grupo de mulheres alterou a sua percepção sobre si mesma.

Tipo assim, a situação que eu vivi no meu trabalho, eu sofri um assalto e depois que eu sofri esse assalto, eu fiquei muito tensa e me fechei para o restante do mundo, eu queria ficar quieta em casa, não queria mais voltar a trabalhar, não queria mais voltar pro lugar onde eu fui assaltada. Apesar de eles não terem sido violentos, assim, não bateram em ninguém, mas eles chegaram armados, então eles tavam (sic) usando a violência. Então, eu me senti muito mal com isso. Mas lá no meu trabalho, ninguém veio assim, claro, todo mundo me apoiou, mas eu senti que era muito superficial: “ah, não, você vai conseguir superar”, e tal. Mas na minha casa, na minha família, ninguém queria que eu voltasse a trabalhar, todo mundo queria que eu ficasse em casa. Mas, gente, eu não achava isso certo, apesar de que era o que eu tava (sic) com vontade de fazer. E o movimento falou assim pra mim: “Não, Maria, não é isso. Você tem que enfrentar por que isso não é só você, não é um problema só teu, muitas pessoas passam por isso e nem por isso vão parar, vão deixar de viver, por causa disso. Você tem que ser firme, ser madura o suficiente para encarar isso, e superar. Você vai superar, você é forte! Você é uma mulher, você é guerreira”. Então, o movimento, nesse aspecto, o movimento me dá muito apoio, sabe? Pra mim (sic) saber lidar com os meus problemas e ter maturidade para enfrentar. Então é isso, na minha vida o movimento é isso. É como se fosse um suporte, para mim (sic) superar aquelas dificuldades que eu tenho no dia-a-dia, como eu falei no início. (SOUZA, Maria de. Entrevista 3. [jun.2014]. Entrevistadora: Morgani Guzzo. Guarapuava, 2014).

Maria de Souza recupera um episódio da sua vida em que o movimento de mulheres foi importante para dar força e confiança. Ao relatar que, sem o movimento, ela teria desistido do emprego, principalmente pela pressão da família, ela apresenta duas concepções sobre si: a do passado e a do presente. A Maria, antes do movimento, era uma mulher frágil, insegura, sobre quem a opinião familiar exercia grande peso. Já, a Maria do presente, é uma mulher transformada com o apoio do movimento, que a orientou para que não abandonasse o emprego e a sua individualidade, insistindo para que acreditasse em sua força como “mulher guerreira”. O recurso da memória (o que eu fazia antes e como faria agora) torna-se uma maneira de perceber esses processos de transformação das mulheres do movimento. As lembranças ajudam a formar sua concepção de sujeito como parte de um grupo que as apoia e, conseqüentemente, ajuda a construir suas identidades (de mulheres “fortes”; “guerreiras”; “independentes”).

Ao utilizar adjetivos, mesmo na fala do movimento de mulheres, o relato de Maria deixa transparecer o processo de empoderamento e de conquista da confiança das mulheres

que acontece dentro das reuniões periódicas e das formações. O trecho: “*Você tem que ser firme, ser madura o suficiente para encarar isso e superar. Você vai superar, você é forte! Você é uma mulher, você é guerreira*” evidencia o suporte dado pelo movimento para o processo de identificação das mulheres como sujeitos donas de sua vida, fortes e capazes de superar os obstáculos do dia-a-dia. Essa concepção empoderada de si transforma, claramente, as identificações dessas mulheres com o grupo e, conseqüentemente, as representações. O relato apresenta uma nova representação das mulheres: ao invés de “inseguras”, “fortes” e “guerreiras”. A identificação com uma representação de força das mulheres é uma das maneiras de desconstruir as representações de fragilidade e dependência que ainda existem sobre as mulheres.

O relato de Maria de Souza (2014) remonta a uma violência que não especificamente a de gênero (o assalto ao local aonde ela trabalhava)⁶. No entanto, embora não seja o caso de uma violência física, doméstica ou conjugal, é perceptível os discursos de fragilização reproduzidos pelo marido e pela família de Maria e a persuasão psicológica que esses discursos exercem sobre ela. Prestes a largar o emprego e voltar-se à casa – espaço tradicionalmente aceito como “de mulher” (PEDRO, 2000) – Maria de Souza recebe no movimento de mulheres o apoio e a força que a tornam uma mulher empoderada. Ao analisar esse aspecto, percebemos como, em muitos casos, mesmo que a mulher não perceba, ela pode estar sendo vítima de violência psicológica.

A experiência de outra mulher do *Movimento de Mulheres da Primavera* demonstra que o reconhecimento sobre si a partir de novas identificações provocou mudanças na forma como ela se enxerga e como se relaciona com seu cônjuge. Elaine da Silva (2014) tem 36 anos, é dona de casa, casada e mãe de quatro filhos. Começou a participar dos encontros por curiosidade, mas a relação com as outras mulheres possibilitou que ela se reconhecesse como sujeito, quando a identificação que ela tinha com um “modelo” de mulher (e esposa), até aquele momento, começou a fracassar. Ao relatar uma questão cotidiana com o marido, ela pontua como antes do movimento ela reagiria e como, a partir do movimento, ela passou a se questionar a respeito das responsabilidades que ela assumia dentro da relação.

Na verdade assim, eu comecei no movimento, não que eu tivesse passado por uma situação, mas eu fui mais para conhecer. Quando eu cheguei lá e vi que era exatamente o que eu queria para mim, assim, como mulher, mais

⁶ Para a definição de violência de gênero ver: Velásquez (2003) e Femenías (2009).

para aprender os direitos das mulheres, por que a gente sempre fala de mulheres submissas e eu, às vezes, não que eu fosse submissa, mas tinha coisas que eu não sabia como falar, por exemplo, com o meu marido. Ele dizia “é pedra”, então era pedra. Então, através do movimento, para mim, nossa, a minha vida como mulher mudou. Eu tentei fazer com que ele enxergasse as coisas, o outro lado, que não era exatamente do jeito que ele achava que as coisas eram, que a mulher já tem que levantar de manhã, vamos dizer, no domingo, fazer o café para o marido, servir, depois lavar a louça, cuidar dos filhos e deu. Não, eu, para mim, no domingo, eu saio de manhã, vou na reunião⁷, volto, e geralmente ele vai trabalhar no domingo de manhã e eu já deixei bem claro para ele que eu não levo o fogão, não levo nada, é só ele levantar e fazer. E acontece assim. Mas eu mudei bastante, a maneira de ver as coisas, até de eu falar com as pessoas, às vezes eu fico vendo uma mulher falando coisas que aconteceu, eu já vou lá: “Cara, não sei o que, não faça isso”. Eu já cheguei a dar livrinhos, panfletinhos assim, para elas verem como que é legal, para ir nos encontros. E assim, para mim, foi melhor ainda, quando aconteceu uma situação na minha família, com a minha irmã. Só que eu tentei levar ela pro movimento, mas ela não quis. Não quis, quis continuar naquela situação. (SILVA, Elaine. Entrevista 4. [abr. 2014] Entrevistadora: Morgani Guzzo. Guarapuava, 2014).

O relato de Elaine Silva demonstra uma mudança em sua relação conjugal, quando ela passa a priorizar as atividades do movimento, no domingo, por exemplo, e solicita uma transformação na atitude do marido, que espera que ela faça e sirva o café da manhã, limpe a casa e cuide dos filhos. Para ela, a mudança na forma de agir perante as cobranças do marido não prejudica a relação, ao contrário, ela sente-se mais segura de si, motivada, inclusive, a convidar outras mulheres para participar das atividades do movimento.

O que ocorreu no processo de construção da identidade de Elaine (2014) foi que, em certo momento, a partir do seu envolvimento com o *Movimento de Mulheres da Primavera*, sua identificação com a esposa que fazia tudo para o marido e ouvia suas opiniões sem questionar (um modelo de esposa que se repete nas experiências das mulheres do movimento) fracassou, deixou de fazer sentido. Esse “despertar” que, segundo Bauman (2005), ocorre após alguma decepção ou fracasso, provoca uma ruptura na sensação de pertencimento a identidade que se tinha construído até então, criando a necessidade de formular outras identidades, buscar a sensação de pertencimento em grupos que compartilhem dos valores e ideais do “novo” sujeito que começa a se formar.

⁷ As reuniões do Movimento de Mulheres da Primavera ocorrem quinzenalmente nas manhãs de domingo.



No relato de Maria de Souza (2014), a relação com o marido também foi afetada após a sua inserção no *Movimento de Mulheres da Primavera*. A tomada de consciência que ocorre quando as mulheres começam a reconhecerem-se como sujeitos políticos é transformadora.

Com relação ao meu marido, por exemplo, eu tinha um pensamento assim, que eu tinha que fazer tudo para agradar ele. E nem sempre isso está certo. Porque às vezes eu sofria com isso, eu me autocobrava muito. E o movimento me proporcionou a entender que, eu, sim, tenho que dar a minha parcela de contribuição, mas ele também tem que fazer alguma coisa pro nosso relacionamento dar certo, e em todos os aspectos. Também na área íntima, digamos assim, me ajudou bastante a ter mais maturidade, de perceber que eu tenho que dar minha parcela de contribuição e ele também, não é só eu que tenho que a obrigação de agradá-lo, mas que ambos têm que ter essa preocupação. (SOUZA, Maria de. Entrevista 3 [jun. 2014] Entrevistadora: Morgani Guzzo. Guarapuava, 2014).

A mudança na forma como se identificam como mulheres (antes e depois do movimento), reflete todo o processo de empoderamento que ocorre durante as reuniões. A tomada de consciência de si como sujeito, resulta numa mudança substancial na forma como se relacionam e reagem às cobranças de seus maridos ou familiares. Tornam-se mais donas de si, mais exigentes e mais conscientes do seu valor. O empoderamento do indivíduo afeta todas as relações, desde a criação dos filhos, o envolvimento com a comunidade, até as relações conjugais, inclusive sexuais.

Mesmo sendo sujeitos heterogêneos, as mulheres do *Movimento de Mulheres da Primavera* passam, vagarosamente, a transformar a noção e o entendimento em torno da representação das mulheres na sociedade, retirando dessa noção as restrições do caráter privado e “materno” que são, frequentemente, associados à sua condição de mulher no local em que estão inseridas. As representações sobre o que significa ser uma boa esposa, uma boa mãe e uma mulher bem sucedida também se alteram. Na medida em que reconhecem em si novas identidades e, assim, a possibilidade de exercerem outros papéis e de ocuparem novos espaços, os questionamentos sobre os papéis e espaços até então ocupados e “aceitos” provocam rasuras nas relações estabelecidas e estáveis que vinham tendo com a sociedade como um todo.

Considerações finais



No processo de reconstrução identitária, que ocorre a partir das formações dentro do *Movimento de Mulheres da Primavera*, fica claro um aspecto nem sempre reconhecido pelas mulheres: a violência psicológica. No relato de muitas delas – embora nosso recorte não tenha apresentado tantos exemplos – é evidente o cerceamento de suas atividades e a persuasão que os discursos sobre fragilidade e sobre o que se espera de seu “papel” de mãe e esposa provocam no imaginário dessas mulheres. Para muitas delas, é transformador o momento em que passam a pensar em si mesmas como sujeitos.

Apesar de não trazerem de maneira explícita em seus relatos a questão da violência psicológica, o envolvimento das mulheres do Bairro Primavera no *Movimento de Mulheres da Primavera* tem alterado a forma como as militantes encaram suas próprias existências. Ao questionarem a cultura da sociedade em que vivem, patriarcal e católica, as mulheres passam a reconhecer em suas iguais (vizinhas, colegas de trabalho e familiares) as inúmeras violências que sofrem cotidianamente. A luta pelo fim da violência é a principal bandeira do *Movimento de Mulheres da Primavera* e se caracteriza como uma forma de agir das suas militantes nas relações pessoais e profissionais.

Além disso, enfrentamento à violência no movimento considera a emancipação econômica e a participação de mais mulheres na política, tanto para que as mulheres possam ser independentes financeiramente e sair de relações violentas com seus filhos, quanto para que políticas públicas de enfrentamento à violência sejam criadas. Através desse eixo, as mulheres são formadas para pensar e agir de forma a ocupar espaços que possibilitem sua independência e sua participação ativa na política partidária. A partir da participação no movimento de mulheres, muitas delas deixaram de ser donas de casa para se tornarem universitárias e uma delas tornou-se vereadora, vice-prefeita da cidade de Guarapuava e secretária da Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres, pasta criada a partir da pressão de sua candidatura e do *Movimento de Mulheres da Primavera*.

O exemplo deste movimento nos mostra que a luta pelo fim da violência contra as mulheres, ao mesmo tempo em que salva muitas vidas e possibilita às mulheres uma nova forma de existirem, possibilita às mulheres perceberem-se como atrizes fundamentais no processo de transformação cultural da sociedade sexista em que vivemos.

Referências



FEMENÍAS, Maria Luisa. Cuerpo, poder y violencia: algunas intersecciones. In. TORNQUIST, C. S. [et. Al]. **Leituras de resistência:** Corpo violência e poder. Vol. 1. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009. pp. 25-47

GUZZO, Morgani. **De lagarta a borboleta:** construção e (re) construção das identidades femininas a partir do Movimento de Mulheres da Primavera, de Guarapuava/PR. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2015. 144f.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** Identidade e Mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PEDRO, Joana Maria. As mulheres e a separação das esferas. **Diálogos**, DHI/UEM, v. 4, n. 4: 33-39, 2000.

VELÁSQUEZ, Susana. **Violencias Cotidianas, Violencia de gênero:** escuchar, aprender, ayudar. Ediciones Paidós Iberica, 2003.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012** – Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO, 2012.